

# *Acampamento de Cisnes, de Marina Tsvetáieva*

*André Nogueira<sup>1</sup>*

**Resumo:** *Introdução, tradução e comentários de 35 poemas selecionados de “Acampamento de Cisnes”, de Marina Tsvetáieva.*

**Palavras-chave:** *Marina Tsvetáieva, poesia russa, tradução literária.*

## **Acampamento de cisnes (poemas selecionados de Marina Tsvetáieva)**

\* \* \* (1)

Gravaste o nome meu: Marina –  
Na adaga, pela Pátria erguida.  
Primeira e última eu fui  
Da heróica\* tua vida.

Ainda o rosto iluminado posso vê-lo  
No vagão de soldados vindo à tona.  
Solto ao vento meus cabelos,  
Guardo a chaves as dragonas.

*Moscou, 18 de janeiro 1918*

\* \* \*

На кортике своём: Марина —  
Ты начертал, встав за Отчизну.  
Была я первой и единой  
В твоей великолепной жизни.

Я помню ночь и лик пресветлый  
В аду солдатского вагона.  
Я волосы гоню по ветру,  
Я в ларчике храню погоны.

*Москва, 18 января 1918*

---

1 Formado bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Está em fase de conclusão o mestrado no Programa de Pós-graduação em Cultura e Literatura Russa da Universidade de São Paulo, sob a orientação do prof. Dr. Mário Ramos Francisco Júnior. E-mail [andresala40@gmail.com](mailto:andresala40@gmail.com)

\* A pedido do tradutor e autor deste artigo, o mesmo se apresenta em sua grafia original, não acatando ao novo “acordo” ortográfico da língua portuguesa. O autor-tradutor possui trabalhos em andamento, onde se posiciona sobre o assunto, e solicita que se respeite seu posicionamento em toda a extensão de sua atividade escrita, literária ou acadêmica.

\* \* \* (2)

Sobre a alta catedral – o vento sopra,  
Grita o corvo...  
Das revolucionárias tropas –  
Cinza e pó, a sua cor.  
Oh senhoril, oh soberana minha dor!

Não têm rosto, não têm nomes, –  
Nem canções eles entonam.  
Só o Krêmlin badala e quase some  
Na floresta de revoltos estandartes.  
Reza, Moscou, para teu eterno sono  
a preparar-te.

*Moscou, 2 de março 1917*AO TSAR – À PÁSCOA <sup>(3)</sup>

Abram, abram alas ao Tsar!  
Recua a escuridão da noite.  
Acendam velas no altar  
E tudo aprontem.  
– Cristo há de ressuscitar,  
E o tsar que havia ontem!

Caiu sem auréola  
A águia bicéfala.  
– Tsar! – Não honraste a tarefa.

Nos olhos teus, azuis e traidores  
Como dos bizantinos reis,  
Não de fitar teus sucessores,  
Pela derradeira vez.

Nos tribunais tua sentença –  
Um turbilhão de causar pena.  
Tsar! – O povo? – pensas,  
Mas é Deus quem te condena!

\* \* \*

Над церковкой — голубые облака,  
Крик вороний...  
И проходят — цвета пепла и песка —  
Революционные войска.  
Ох ты барская, ты царская моя тоска!

Нет у лиц у них и нет имён, —  
Песен нету!  
Заблудился ты, кремлёвский звон,  
В этом ветреном лесу знамён.  
Помолись, Москва, ложись, Москва, на  
вечный сон!

*Москва, 2 марта 1917*

ЦАРЮ — НА ПАСХУ

Настежь, настежь Царские врата!  
Сгасла, схлынула чернота.  
Чистым жаром  
Горит алтарь.  
— Христос Воскресе,  
Вчерашний царь!

Пал без славы  
Орёл двуглавый.  
— Царь! — Вы были неправы.

Помянет потомство  
Ещё не раз —  
Византийское вероломство  
Ваших ясных глаз.

Ваши судьбы —  
Гроза и вал!  
Царь! Не люди —  
Вас Бог взыскал.

Eis que enfim chegou a Páscoa  
 No país por toda parte,  
 Dorme em paz com  
 Tua Aldeia a consolar-te,  
 Em teu sonho não se hasteiem  
 Os vermelhos estandartes.

Tsar! – A tua estirpe  
 Se abriga – no teu sono.  
 Toma o saco – de mendigo,  
 Já que extirpam – o teu trono.

*2 de abril 1917,  
 Moscou, primeiro dia da Páscoa*

\* \* \* (4)

Pelo menino – o pombinho – o filho do rei,  
 Pelo jovem tsariévitch Alexei,  
 Rússia devota, vossos círios acendei!

Pombinhos dois, angelicais,  
 Como Dmitri de Ivan, Alexei de Nikolai,  
 Os olhos deles enxugai.

Rússia, mãe benévola, a criança  
 Sob o véu de vossa bem-aventurança  
 Cobrireis, até que as feras se amansem?

Por mais vil que seja o crime de seu pai,  
 Oh, Rússia pastoril, vós perdoai  
 O cordeirinho Alexei de Nikolai!

*4 de abril 1917,  
 terceiro dia da Páscoa*

Но нынче Пасха  
 По всей стране,  
 Спокойно спите  
 В своём Селе,  
 Не видьте красных  
 Знамён во сне.

Царь! — Потомки  
 И предки — сон.  
 Есть — котомка,  
 Коль отнят — трон.

*2 апреля 1917,  
 Москва, первый день Пасхи*

\* \* \*

За Отрока — за Голубя — за Сына,  
 За царевича младого Алексия  
 Помолись, церковная Россия!

Очи ангельские вытри,  
 Вспомяни, как пал на плиты  
 Голубь углицкий — Димитрий.

Ласковая ты, Россия, мать!  
 Ах, ужели у тебя не хватит  
 На него — любовной благодати?

Грех отцовский не карай на сыне.  
 Сохрани, крестьянская Россия,  
 Царскоевского ягнёнка — Алексия!

*4 апреля 1917,  
 третий день Пасхи*

\* \* \* (5)

Ainda o dia vem raiando, –  
Ao ouvir o som de sinos,  
Como ratos, vão em bando,  
Na surdina se esgueirando,  
De Moscou os clandestinos.

Abandonam suas tocas –  
Os ladinos, as corocas.  
Que idéias eles trocam?

Acenderam-se as velas.  
O Espírito procura  
Por caducas umas velhas  
E crianças pequeninas.  
No soturno claro-escuro  
O diácono revela  
Quais idéias clandestinas.

E dos trapos  
Vêm à luz dos candelabros –  
Os tostões das viúvas,  
Os tostões dos mendigos  
E dos mais pobres diabos,  
Com suor assegurados  
Para o dia do Dilúvio  
Ou para ter enterro digno  
Guardados.

Assim, na matutina quietude  
Acendem-se as velas  
Em nome da Mãe e do Pai.  
Rezam ladinos, rezam velhas  
Pela vida e a saúde  
Do servo de Deus – Nikolai.

Eis, à luz dos candelabros  
Nessa hora matutina,  
O macabro ritual dos clandestinos.

10 de abril 1917

\* \* \*

Чуть светает —  
Спешит, сбегается  
Мышиной стаей  
На звон колокольный  
Москва подпольная.

Покидают норы —  
Старухи, воры.  
Ведут разговоры.

Свечи горят.  
Сходит Дух  
На малых ребят,  
На полоумных старух.  
В полумраке,  
Нехотя, кое-как  
Бормочет дяк.

Из чёрной тряпицы  
Выползают на свет Божий —  
Гроши нищие,  
Гроши острожные,  
Потом и кровью добытые  
Гроши вдовьи,  
Про чёрный день  
Да на помин души  
Отложенные.

Так, на рассвете,  
Ставят свечи,  
Вынимают просфоры —  
Старухи, воры:  
За живот, за здравие  
Раба Божьего — Николая.

Так, на рассвете,  
Тёмный свой пир  
Справляет подполье.

10 апреля 1917

\* \* \* (6)

Quem caiu de alguma parte  
No tristonho meu país?  
Como um jovem Bonaparte  
Ele sonha sem dormir,

Um ribombo se prolonga:  
– Entre o noivo!  
E como um turbilhão de fogo  
O ditador alça seu vôo.

Riso louco, olhos vidrados –  
Que em noite alguma dormem!  
A cruzeta do soldado  
Na lapela do uniforme.

Dominou o calafrio,  
Chamou o povo para a paz, –  
Cerrou os punhos e franziu  
As sobrancelhas universais.

*21 de maio 1917*  
*día da Trindade.*

AOS CADETES ASSASSINADOS EM  
NIJNI NOVGOROD <sup>(7)</sup>

Golpes de sabre –  
Suspira a corneta com ar grave –  
O enterro acontece  
Sem demora.  
Com os quepes nas cabeças... –  
Um galhinho os condecora.

Ouve-se um rumor.  
O dever seja cumprido  
Para aqueles que – ao dever  
Deram a alma.  
O rumor logo se acalma...  
Ouça! Sen – ti – do!

\* \* \*

И кто-то, упав на карту,  
Не спит во сне.  
Повеяло Бонапартом  
В моей стране.

Кому-то гремят раскаты:  
— Гряди, жених!  
Летит молодой диктатор,  
Как жаркий вихрь.

Глаза над улыбкой шалой —  
Что ночь без звезд!  
Горит на мундире впалом —  
Солдатский крест.

Народы призвал к покою,  
Смирил озноб —  
И дышит, зажав рукою  
Вселенский лоб.

*21 мая 1917*  
*Троицын день*

ЮНКЕРАМ, УБИТЫМ В  
НИЖНЕМ

Сабли взмах —  
И вздохнули трубы тяжело —  
Провожать  
Лёгкий прах.  
С веткой зелени фуражка —  
В головах.

Глуше, глуше  
Праздний гул.  
Отдадим последний долг  
Тем, кто долгу отдал — душу.  
Гул — смолк.  
— Слуша — ай! На́ — кра — ул!

Três são os quepes.  
 Corneta rressona.  
 Coração pronto desaba.  
 Como, sem dragonas?  
 Sem os sabres?  
 Em cova anônima –  
 Que à noite se abre?

Som de corneta... –  
 Boa noite para vossas  
 Honrarias de cadetes  
 Despejadas numa fossa!

*17 de julho 1917*

Три фуражки.  
 Трубный звон.  
 Рвётся сердце.  
 — Как, без пашки?  
 Без погон  
 Офицерских?  
 Поутру —  
 В безымянную дыру?

Смолкли трубы.  
 Доброй ночи —  
 Вам, разорванные в клочья —  
 На посту!

*17 июля 1917*

\* \* \* (8)

Noite. – Noroeste. – Som de ondas que se quebram.  
 Destroçaram a adega. As sarjetas a recebem,  
 Preciosa correnteza que escorre pelas ruas...  
 Sobre ela, ensangüentada, baila a lua.

Cantam pássaros de noite, como ébrios,  
 Cambaleiam as escoras dos casebres  
 E até o monumento do tsar parece débil,  
 Do tsar o monumento cuja queda eles celebram.

O porto bebe, o quartel... A terra é nossa!  
 Nosso o vinho das adegas suntuosas!  
 A cidade, como um touro que se coça,  
 Se atira a rolar nas turvas poças.

A lua em névoa de vinho arde em febre.  
 – Alto lá! Sê camarada, belezinha: bebe!  
 Na cidade corre certo caso alegre:  
 Ali há dois que se afogaram num casebre.

*Feodóssia, últimos dias de Outubro*

\* \* \*

Ночь. — Норд-Ост. — Рёв солдат. — Рёв волн.  
Разгромили винный склад. — Вдоль стен  
По канавам — драгоценный поток,  
И кровавая в нём пляшет луна.

Ошалелые столбы тополей.  
Ошалелое — в ночи — пенье птиц.  
Царский памятник вчерашний — пуст,  
И над памятником царским — ночь.

Гавань пьёт, казармы пьют. Мир — наш!  
Наше в княжеских подвалах вино!  
Целый город, топоча как бык,  
К мутной луже припадая — пьёт.

В винном облаке — луна. — Кто здесь?  
Будь товарищем, красotka: пей!  
А по городу — весёлый слух:  
Где-то двое потонули в вине.

Феодосия, последние дни Октября

PARA MOSCOU

1 <sup>(9)</sup>

Quando agarrou-te aquele ruivo Impostor,  
A ti não conseguiu deitar de braços.  
Onde está tua altivez? – O teu rubor,  
Minha princesa? – Onde está o teu discurso?

Pedro, o Grande, cobicejou tua cabeça  
Cometendo contra a lei um grande abuso.  
De Morózova boiarda não te esqueças,  
A resposta que ela deu ao tsar russo.

Aos lábios congelados pelos ventos glaciais,  
Déste teu fogo de beber a Bonaparte.  
Outras vezes houve estábulos em tuas catedrais.  
Tudo o Krêmilin suporta com seus firmes baluartes.

*9 de dezembro 1917*

МОСКВЕ

1

Когда рыжеволосый Самозванец  
Тебя схватил — ты не согнула плеч.  
Где спесь твоя, княгинюшка? — Румянец,  
Красавица? — Разумница, — где речь?

Как Пётр-Царь, презрев закон сыновний,  
Позарился на голову твою —  
Боярыней Морозовой на дровнях  
Ты отвечала Русскому Царю.

Не позабыли огненного пойма  
Буонапарта хладные уста.  
Не в первый раз в твоих соборах — стойла.  
Всё вынесут кремлёвские бока.

*9 декабря 1917*

2 <sup>(10)</sup>

Não pôde o ladrão Grichka fazer-te polonesa,  
E germânica tampouco para Pedro te fizeste.  
Por que choras, palominha? – De tristeza.  
Onde está tua altivez, Moscou? – Oeste.

– Onde estão tuas pombinhas? – Sem comida.  
– Quem roubou? – Os negros corvos.  
– Onde as cruces das igrejas? – Destruídas.

– E os filhos de Moscou? – Em suas covas.

*10 de dezembro 1917*

2

Гришка-Вор тебя не ополячил,  
 Пётр-Царь тебя не онемечил.  
 Что же делаешь, голубка? — Плачу.  
 Где же спесь твоя, Москва? — Далече.

— Голубочки где твои? — Нет корму.  
 — Кто унёс его? — Да ворон чёрный.  
 — Где кресты твои святые? — Сбиты.  
 — Где сыны твои, Москва? — Убиты.

*10 декабря 1917*

3 <sup>(11)</sup>

Sino abafado, e em toda a capital –  
 A proibida saudação habitual.

Choro de criança, mugido de vaca.  
 O impertinente nome do monarca.

Sangue na neve, o açoite assobia.  
 Tsar – de amor a palavra sombria.

Eco de asas: o Amor – para a estrelas.  
 Olhos negros da esposa de strieliets.

*10 de dezembro 1917*

DON

<1> <sup>(12)</sup>

Guarda branca – teu caminho é altíssimo:  
 Contra a boca do fuzil – teu nu heroísmo.

3

Жидкий звон, постный звон.  
 На все стороны — поклон.

Крик младенца, рёв коровы.  
 Слово дерзкое царёво.

Плётток свист и снег в крови.  
 Слово тёмное Любви.

Голубинный рокот тихий.  
 Чёрные глаза Стрельчихи.

*10 декабря 1917*

ДОН

<1>

Белая гвардия, путь твой высок:  
 Чёрному дулу – грудь и висок.

De Deus o teu branco, teu santo dever:  
Ao branco corpo teu – na areia padecer.  
Bando de cisnes que voa à luz da aurora?  
O branco batalhão, em toda a sua glória,  
Como branca aparição – evapora, evapora...

Dissipou-se o velho mundo, sonho bom.  
Juventude – valentia – Vandée – Don.

*24 de março 1918*

\* \* \* (13)

A procissão pelas campinas se estende.  
Lido até o fim, e fechado para sempre –  
O livro mágico do Gênesis da Rússia.  
O desígnio dos mundos aqui jaz.

O vento pela estepe com estrépito soluça:  
– Rússia! – Mártir! – Dorme em paz!

*30 de março 1918*

\* \* \* (14)

Difícil e admirável: lealdade até a morte!  
Realeza magnânima – na era dos mercados!  
Estóica a alma, estóico o porte, –  
Onde os homens que havia no passado?!

Altar e trono incendiaram, como ruivos  
Tártaros, vagando em seus corcéis.  
No banquete sobre as cinzas soa o uivo  
De soldados traidores e mulheres inféis.

*11 de abril 1918*

Божье да белое твоё дело:  
Белое тело твоё – в песок.  
Не лебедей это в небе стая:  
Белогвардейская рать святая  
Белым видением тает, тает...

Старого мира – последний сон:  
Молодость – Доблесть – Вандея – Дон.

*24 марта 1918*

\* \* \*

Идёт по луговинам лития.  
Таинственная книга бытия  
Российского – где судьбы мира скрыты –  
Дочитана и наглухо закрыта.

И рыщет ветер, рыщет по степи:  
– Россия! – Мученица! – С миром – спи!

*30 марта 1918*

\* \* \*

Трудно и чудно — верность до гроба!  
Царская роскошь — в век площадей!  
Стойкие души, стойкие рёбра, —  
Где вы, о люди минувших дней?!

Рыжим татаринoм рыщет вольность,  
С прахом равняя алтарь и трон.  
Над пепелищами — рёв застойный  
Беглых солдат и неверных жён.

*11 апреля 1918*

\* \* \* (15)

Se baionetas de soldados perfuraram o mundo,  
Se a Imagem cobriram com trapo vermelho,  
Se aos golpes segue Deus tão surdo e mudo,  
Se na Páscoa ao povo vetaram o Krêmlin,

Pois faça a mariposa uma artística carreira,  
Os peixes cantem, filosofem os macacos,  
Ponha-se o cavalo a cavalgar no cavaleiro,  
Amamentem as crianças como Baco,

Arremessem os defuntos das janelas,  
Sol vermelho – à meia-noite – em apogeu,  
E da noiva esqueça o noivo o nome dela,

E se casem as patrícias – com plebeus.

*3º dia da Páscoa 1918*

\* \* \*

Коли в землю солдаты всадили — штык,  
Коли красною тряпкой затмили — Лик,  
Коли Бог под ударами — глух и нем,  
Коль на Пасху народ не пустили в Кремль —

Надо бражникам старым засесть за холст,  
Рыбам — петь, бабам — умствовать, птицам — ползть,  
Конь на всаднике должен скакать верхом,  
Новорожденных надо поить вином,

Реки — жечь, мертвецов выносить — в окно,  
Солнце красное в полночь всходить должно,  
Имя суженой должен забыть жених...

Государыням нужно любить — простых.

*3-ий день Пасхи 1918*

\* \* \* (16)

É tão simples, como dois mais um são três:  
Os reis são do povo, o povo – dos reis.

Como o mistério da Trindade é verdadeiro:  
Os dois são um só, o Espírito – o terceiro.

Foi o céu quem destinou o rei ao trono:  
É tão claro, como a neve, como o sonho.  
Sobe o rei de volta ao trono cedo ou tarde –  
É tão sagrado, como o mistério da Trindade.

*7 de maio 1918, 3º dia da Páscoa  
(E tiraram-lhe a vida em menos de três meses!)*

\* \* \*

Это просто, как кровь и пот:  
Царь — народу, царю — народ.

Это ясно, как тайна двух:  
Двое рядом, а третий — Дух.

Царь с небес на престол взведён:  
Это чисто, как снег и сон.  
Царь опять на престол взойдёт —  
Это свято, как кровь и пот.

*7 мая 1918, 3-ий день Пасхи  
(а оставалось ему жить меньше трёх месяцев!)*

\* \* \* (17)

Águia e arcanjo! Trovão de Deus!  
Nem a catedral, com sete cúpulas ao céu,  
Nem a morada do tsar são ninho teu.

Não. Na Praça Vermelha, em marcha  
À guilhotina – como de praxe... –  
Os pintinhos, teus órfãos, se acham.

O povo, sem cabeça, só espera uma coroa.  
Que o alento lhe devolvas com teu vôo.  
Arcanjo! – Águia! – Trovoa!

Não é raio nem tufão que vem descendo,  
Nem no céu um arco-íris, – senão Pedro  
Que aqui veio revistar seu passaredo.

*7 de maio 1918  
terceiro dia da Páscoa*

\* \* \*

Орёл и архангел! Господень гром!  
Не храм семиглавый, не царский дом  
Да будет тебе гнездом.

Нет, — Красная площадь, где весь народ!  
И — Лобное место сравняв — в поход:  
Птенцов — собирать — сирот.

Народ обезглавлен и ждёт главы.  
Уж воздуху нету ни в чьей груди.  
Архангел! — Орёл! — Гряди!

Не зарева рыщут, не вихрь встаёт,  
Не радуга пышет с небес, — то Пётр  
Птенцам производит смотр.

*7 мая 1918,  
третий день Пасхи*

\* \* \* (18)

Deus é inocente  
Pela praga dos roçados,  
A secura das nascentes  
E a dor dos decepados,

Pelos saques e seqüestros,  
Pela fome e a rapina,  
Os granizos e as pestes,  
A desonra e fedentina.

Pelo traído juramento.  
Pelo povo traiçoeiro.  
Pelo ano sangrento.  
Pelo tsar em cativoiro.

*12 de maio 1918*

\* \* \*

Бог — прав  
Тленнем трав,  
Сухостью рек,  
Воцлем калек,

Вором и гадом,  
Мором и гладом,  
Срамом и смрадом,  
Громом и градом.

Попранным Словом.  
Проклятым годом.  
Пленом царёвым.  
Вставшим народом.

*12 мая 1918*

\* \* \* (19)

Sete espadas atravessam o coração  
Da Mãe de Deus sobre seu Filho.  
Sete atravessam o coração da Mãe de Deus,  
E sete vezes sete – o meu.

Já não sei, se vive ou não  
Aquele, que amo mais que o coração,  
Aquele, que amo mais do que o Filho...

Agora é tarde – só cantar que me distrai.  
Se encontrardes – avisai.

*25 de maio 1918*

\* \* \*

Семь мечей пронзали сердце  
Богородицы над Сыном.  
Семь мечей пронзили сердце,  
А моё — семижды семь.

Я не знаю, жив ли, нет ли  
Тот, кто мне дороже сердца,  
Тот, кто мне дороже Сына...

Этой песней — утешаюсь.  
Если встретится — скажи.

*25 мая 1918*

\* \* \* (20)

- Onde estão os cisnes? – O bando migrou.
- Os corvos também? – Os corvos aqui rasam.
- Migrou para onde? – Onde também vivem os grou.
- E por que? – Pois roubariam suas asas.

– E papai, onde ele está? – Dorme! Vem o sonho,  
 Minha filha, da estepe galopando num potranco.  
 – E nos levará aonde? – Para o Don com as cegonhas.  
 Lá eu tenho – sabes tu? – um cisne branco...

*9 de agosto 1918*

\* \* \*

— Где лебеди? — А лебеди ушли.  
 — А вороны? — А вороны — остались.  
 — Куда ушли? — Куда и журавли.  
 — Зачем ушли? — Чтоб крылья не достались.

— А папа где? — Спи, спи, за нами Сон,  
 Сон на степном коне сейчас придет.  
 — Куда возьмет? — На лебединый Дон.  
 Там у меня — ты знаешь? — белый лебедь...

*9 августа 1918*

\* \* \* (21)

Guardas brancos! Nó górdio  
 Da firmeza heróica russa!  
 Guardas brancos! Brancos cogumelos  
 Da melódica canção russa!  
 Guardas brancos! Brancas estrelas!  
 Na celeste abóbada resistam!  
 Guardas brancos! Unhas negras  
 Nas costelas do Anticristo!

*9 de agosto 1918*

\* \* \*

Белогвардейцы! Гордиев узел  
 Доблести русской!  
 Белогвардейцы! Белые грузди  
 Песенки русской!  
 Белогвардейцы! Белые звёзды!  
 С неба не выскрести!  
 Белогвардейцы! Чёрные гвозди  
 В рёбра Антихристу!

*9 августа 1918*

\* \* \* (22)

Sob estrondos de batalhas infernais,  
Eu neste ano tão cruel  
Te dou por nome – a paz  
E por herança – o azul do céu.

Que vá embora o Satanás!  
O Pai, o Filho, a Mãe Divina  
Para ti, que bens eternos herdarás,  
Minha recém-nascida Irina!

*8 de setembro 1918*

\* \* \* (23)

Para cem vezes voluntários  
Tu nos deste audácia exímia.  
Girem o mundo ao contrário!  
Continuaremos firmes.

Para merecer teu Reino  
– Com estóicas costelas! –  
Sabes tu o que passei no  
Meu viver sob o flagelo.

Eis que este semelhante teu  
Celeste pórtico alcança –  
Pelo tanto que ele creu  
Em ser de Deus a semelhança.

Dá-nos fôlego, portanto,  
E suor para merecer  
Subir aos céus com este santo,  
Se assim for sua mercê!

*30 de setembro 1918*

\* \* \*

Под рокот гражданских бурь,  
В лихую годину,  
Даю тебе имя — мир,  
В наследье — лазурь.

Отыйди, отыйди, Враг!  
Храни, Тринединный,  
Наследницу вечных благ  
Младенца Ирину!

*8 сентября 1918*

\* \* \*

Ты дал нам мужества —  
На сто жизней!  
Пусть земли кружатся,  
Мы — недвижны.

И рёбра — стойкие  
На мытарства:  
Дабы на койке нам  
Помнить — Царство!

Своё подобье  
Ты в небо поднял —  
Великой верой  
В своё подобье.

Так дай нам вздоху  
И дай нам поту —  
Дабы снести нам  
Твои щедроты!

*30 сентября 1918*

\* \* \* (24)

Tufões de branca neve as gerações abismem.  
Assim entrareis para as canções – brancos cisnes!

Sudário se tornou, cruzeiros bordadas, a bandeira.  
Assim também para a história – brancos cavaleiros.

De vós nenhum retornará – oh, meus filhotes! –  
Guia vosso batalhão a Mãe de Deus após a morte.

*25 de outubro 1918*

\* \* \*

Бури-вьюги, вихри-ветры вас взлелеяли,  
А останетесь вы в песне — белы-лебеди!

Зная, шитое крестами, в саван выцвело.  
А и будет ваша память — белы-рыцари.

И никто из вас, сынки! — не воротится.  
А ведёт ваши полки — Богородица!

*25 октября 1918*

\* \* \* (25)

Deus e Tsar! Perdoai vossos filhinhos –  
Fracos, tolos, pecadores, incapazes,  
Os tragados pelo horrível torvelinho, –  
Eles não sabem o que fazem!

Deus e Tsar! A tormentos sem fim  
Não condeneis Stenka Rázin!

Deus e Tsar! Não quero mais  
Ouvir a lástima dos órfãos, os mortos  
Que por todo canto jazem – não suportem!  
Os ladrões e caratazes – vós roupaí!

\* \* \*

Царь и Бог! Простите малым –  
Слабым – глупым – грешным – шалым,  
В страшную воронку втянутым,  
Обольщённым и обманутым, –

Царь и Бог! Жестокой казнию  
Не казните Стеньку Разина!

Царь! Господь тебе оплатит!  
С нас сиротских воплей – хватит!  
Хватит, хватит с нас покойников!  
Царский Сын, – прости Разбойнику!

Os caminhos são vários que levam ao Pai. В отчий дом – дороги разные.  
Perdoai Stenka Rázin! Пощадите Стеньку Разина!

Rázin, Rázin! Sua história é um mito! Разин! Разин! Сказ твой сказан!  
À besta vermelha domaram e ataram, Красный зверь смирен и связан.  
Quebraram seus dentes vorazes. Зубья страшные поломаны,  
Pela vida de delitos, Но за жизнь его за тёмную,

Mas também por sua audácia lendária, Да за удаль несуразную –  
Desatai Stenka Rázin! Развяжите Стеньку Разина!

Pátria, onde tudo morre e nasce! Родина! Исток и устье!  
A Rússia toda a festejar! Радость! Снова пахнет Русью!  
Os olhos frígidos se abramem! Просияйте, очи тусклые!  
Inimigos façam as pazes! Веселися, сердце русское!

Deus e Tsar! Pelas festas que hoje fazem – Царь и Бог! Для ради празднику –  
Libertai Stenka Rázin! Отпустите Стеньку Разина!

*Moscou, 1º aniversário de Outubro*

*Moskva, 1-ая годовщина Октября*

## EM MEMÓRIA DE A. A. СТАКНÓВИТЧ

*'A Dieu — mon âme,  
Mon corps — au Roy,  
Mon coeur — aux Dames,  
L'honneur — pour moi'*

1 <sup>(26)</sup>

Antes o armazém, trancado a sete cadeados,  
E não ter para comer que seja algo.  
Com teu passo senhoril, ombro asseado,  
Tu desceste à sepultura – como o último fidalgo.

Velho mundo em chamas, o destino completava-se.  
– Suceda o lenhador ao nobre douto!  
As multidões prosperavam... Junto a ti se respirava  
O ar do século dezoito.

Até que, os tetos dos palácios derrubando,  
Os despojos intentavam, como bárbaros em bando.  
O universo desabava, as multidões iam a pino... —  
*'Bon ton, maintien, tenue'* — ensinavas os meninos.

Aos bárbaros, com tédio, recusaste agradá-los.  
E cruzaram-se — pela última vez —,  
No reino negro dos recrudescidos calos,  
Tuas mãos de absoluta polidez.

*Moscou, março 1919*

ПАМЯТИ А. А. СТАХОВИЧА

*'A Dieu — mon âme,  
Mon corps — au Roy,  
Mon coeur — aux Dames,  
L'honneur — pour moi'*

1

Не от запертых на семь замков пекарен  
И не от заледенелых печек —  
Барским шагом — распрямляя плечи —  
Ты сошёл в могилу, русский барин!

Старый мир пылал. Судьба свершалась.  
— Дворянин, дорогу — дровосеку!  
Чернь цвела... А вблизи тебя дышалось  
Воздухом Осьмнадцатого Века.

И пока, с дворцов срывая крыши,  
Чернь рвалась к добыче вожделенной —  
Вы bon ton, maintien, tenue — мальчишек  
Обучали — под разгром вселенной!

Вы не вышли к черни с хлебом-солью,  
И скрестились — от дворянской скуки! —  
В чёрном царстве трудовых мозолей —  
Ваши восхитительные руки.

*Москва, март 1919*

2 <sup>(27)</sup>

Um sinal tímido conflui  
Do mais alto desespero:  
Em minhas luvas azuis –  
Duas lágrimas de cera.

Na capela – frio cortante.  
O vapor do hálito é denso  
Que das bocas se levanta  
Misturando-se ao incenso.

Notarias, meu amigo,  
Dentre todos que respiram,  
Como humilde me persigno  
E engulo meu suspiro?

Por tuas mãos imaculadas,  
Eu humilde assim me curvo:  
Me perdoe, porque guardo  
Minhas mãos dentro das luvas.

*Março 1919*Para ÁLIA <sup>(28)</sup>

Na camisa de estrelas semeada,  
Em prata bordada – floresça!  
E, brotando dessa gola prateada,  
Um vaso de flor – a cabeça.

Os olhos – dois oásis no deserto,  
Dois milagres que se encerram  
No inspirado rosto róseo coberto  
Pela névoa da Guerra.

Anjo que sabe de nada e de tudo,  
Um brotinho o corpo em riste...  
Guerreiro angélico, sem dúvida,  
A teu pai que tu saíste.

2

Высокой горести моей —  
Смиренные следы:  
На синей vareжке моей —  
Две восковых слезы.

В продрогшей цёрковке — мороз,  
Пар от дыханья — густ.  
И с синим ладаном слылось  
Дыханье наших уст.

Отметили ли Вы, дружок,  
— Смиреннее всего —  
Среди других дымок — дымок  
Дыханья моего?

Безукоризненностью рук  
Во всё́м родном краю  
Прославленный — простите, друг,  
Что в vareжках стою!

*Март 1919*

АЛЕ

В шитой серебром рубашечке,  
— Грудь как звёздами унизана! —  
Голова — цветочной чашечкой  
Из серебряного выреза.

Очи — два пустынных озера,  
Два Господних откровения —  
На лице, туманно-розовом  
От Войны и Вдохновения.

Ангел — ничего — всё! — знающий,  
Плоть — былинкою довольная,  
Ты отца напоминаешь мне —  
Тоже Ангела и Воина.

Talvez peregrinar seja meu mérito –  
Contigo – amanhã mesmo de manhã.  
Roga pelo nosso Exército,  
Meu anjo, para a Virgem de Kazán.

*18 de julho 1919*

Para SERGUEI EFRON <sup>(29)</sup>

Queres saber como vai indo  
Minha vida no país da fria guerra?  
No coração um nome lindo,  
Os dois braços trabalhando feito serras.

Eh! Se pela casa tu andasses,  
Saberias! Como à noite me empenho  
Em serrar – e sem impasse! –  
Como mais que simples lenha.

Assim canto, com a serra inspiradora,  
Os braços meus que tudo agüentam...  
E varre, varre com a vassoura  
A Mãe, Senhora da Tormenta.

*Novembro 1919*

\* \* \* <sup>(30)</sup>

Vamos, com modéstia e piedade,  
Pela senda rude e pobre,  
Mas de corpo e alma nobres, –  
Fora de moda, – em liberdade!

Está feita – a vossa obra...  
Onde estais – Altezas? Majestades?

Vamos, mãe e filha – peregrinas.  
Avança contra nós a negra turba.  
Quem sabe agora nos descubram?  
Valha-nos a proteção divina!

Может — всё моё достоинство —  
За руку с тобою странствовать.  
— Помолись о нашем Воинстве  
Завтра утром, на Казанскую!

*18 июля 1919*

С. Э.

Хочешь знать, как дни проходят,  
Дни мои в стране обид?  
Две руки пилою водят,  
Сердце — имя говорит.

Эх! Прошёл бы ты по дому —  
Знал бы! Так в ночи пою,  
Точно по чему другому —  
Не по дереву — пилою.

И чуют, чуют пилою  
Руки — вольные досель.  
И метёт, метёт метлою  
Богородица-Метель.

*Ноябрь 1919*

\* \* \*

Дорожною протонародною,  
Смиренною, богоугодною,  
Идём — свободные, немодные,  
Душой и телом — благодарные.

Сбылися древние пророчества:  
Где вы — Величества? Высочества?

Мать с дочерью идём — две странницы.  
Чернь чёрная навстречу чванится.  
Быть может — вздох от нас останется,  
А может — Бог на нас оглянется...

Seja feita – a *Vossa* vontade...  
 Pois não somos – Altezas, Majestades.

Assim, com piedade, é que se sobe,  
 Com o corpo e alma nobres,  
 Pela senda rude e pobre,  
 Minha filha, com certeza,

Para a pátria de Sonho e de Saudade –  
 Onde somos as Altezas, Majestades.

<“*Incluo este poema de memória, e creio que  
 seja de outono de 1919*”>

Para BALMONT <sup>(31)</sup>

Nosso rubor, como rosa serena,  
 Majestoso murcha, corrói-se.  
 Dentro das roupas ficamos pequenos:  
 Passamos fome como espanhóis.

Obteremos, de qualquer maneira...  
 Mais rápido movamos a montanha!  
 O velho orgulho não estranhe:  
 A fome – orgulho nosso, o derradeiro.

De Inimigos do Povo o manto  
 Ao avesso o temos revirado  
 Com orgulho afirmando:  
 A cebola – e a liberdade.

Os cabrestos que a vida nos impôs  
 Não nos quebraram a postura  
 De corcel. Venham depois:  
 – A cebola – e a sepultura.

Para o céu de frondoso pomar  
 A nossa estirpe assim cavalga.  
 – No banquete do povo – Tsar! –  
 Passamos fome como hidalgos.

*Novembro 1919*

Пусть будет — как Ему захочется:  
 Мы не Величества, Высочества.

Так, скромные, богоугодные,  
 Душой и телом — благородные,  
 Дорожкой простонародною —  
 Так, доченька, к себе на родину:

В страну Мечты и Одиночества —  
 Где мы — Величества, Высочества.

<Вписываю во памяти и думаю, что осень  
 1919 г.>

БАЛЬМОНТУ

Пышно и бесстрастно вянут  
 Розы нашего румянца.  
 Лишь камзол теснее стянут:  
 Голодаем как испанцы.

Ничего не можем даром  
 Взять — скорее гору сдвинем!  
 И ко всем гордыням старым —  
 Голод: новая гордыня.

В вывернутой наизнанку  
 Мантии Врагов Народа  
 Утверждаем всей осанкой:  
 Луковица — и свобода.

Жизни ломовое дышло  
 Спеси не перешибило  
 Скакуну. Как бы не вышло:  
 — Луковица — и могила.

Будет наш ответ у входа  
 В Рай, под деревцем миндальным:  
 — Царь! На пиршестве народа  
 Голодали — как гидадьго!

*Ноябрь 1919*

Para BLOK <sup>(32)</sup>

Raio de luz tímido irrompe o breu do inferno:  
Sua voz, que com as bombas se alterna.

Sua voz quase inaudível, ao longe o motim...  
Pois ribombem os trovões para este serafim!

Conta ele, em manhãs de antiga névoa  
Como amou a nós, os cegos e malévolos,

Apesar da traição, a pior que há neste mundo.  
E a mais terna – aquela, a mais profunda,

Perdida na noite – por um golpe de astúcia! –  
Como *nunca* deixará de te amar, Rússia.

Pela testa seus desnorteados dedos  
Passeando, anunciou todo o enredo,

Como em breve haverá Deus de se vingar,  
Que chamaremos pelo sol – e ele *não*  
se erguerá...

Assim, igual um preso, à solidão conforme  
(Ou uma criança que delira enquanto dorme?),

Pereceu à ampla praça esconder em sua boca –  
O sagrado coração de Alexander Blok.

*9 de maio 1920*

БЛОКУ

Как слабый луч сквозь чёрный морок адов —  
Так голос твой под рокот рвущихся снарядов.

И вот в громах, как некий серафим,  
Оповещает голосом глухим, —

Откуда-то из древних утр туманных —  
Как нас любил, слепых и безымянных,

За синий плащ, за вероломства — грех...

И как нежнее всех — ту, глубже всех

В ночь канувшую — на дела лихие!

И как не разлюбил тебя, Россия.

И вдоль виска — потерянным перстом

Всё водит, водит... И ещё о том,

Какие дни нас ждут, как Бог обманет,

Как станешь солнце звать — и как *не*

встанет...

Так, узником с собой наедине

(Или ребёнок говорит во сне?),

Предстало нам — всей площади широкой! —

Святое сердце Александра Блока.

9 мая 1920

Para PEDRO <sup>(33)</sup>

Eis qual foi teu plano:

— *Contra os avós!* — *Pelos filhos!*

Não, grandíssimo Soberano,

Imperador de maravilhas,

Não pelos filhos trabalhavas, —

Mas pelo que há de pior! —

Tsar-carpinteiro, que não enxugava

Da testa o suor.

Os homenzinhos, sem teu porte imponente,

O trenó não puxariam tão além.

Nem a teu derradeiro descendente

Enterrariam sob os trilhos de trem.

Nem teriam de brincar a ousadia

Com teus barcos de criança —

ПЕТРУ

Вся жизнь твоя — в едином крике:

— На дедов — за сынов!

Нет, Государь Распроевелький,

Распорядитель снов,

Не на своих сынов работал, —

Бесам на торжество! —

Царь-Плотник, не стирая пота

С обличья своего.

Не ты б — всё по сугробам санки

Тащил бы мужичок.

Не гнил бы там на полустанке

Последний твой вничок.

Не ладил бы, лба не подъямая,

Ребячьих кораблѐв —

E a santa Rússia putrefeita não viria  
A se afundar nessa matança.

Tiveste a genial idéia  
Da caldeira, onde tudo aqui derrete.  
Defensor de assembléias,  
Tu és pai dos Sovietes!

E por isso é culpa tua  
Cada cúpula que arde  
E que o povo destitua  
Tua súpera cidade...

Sal refinaste, sabão derreteste... –  
Tsar-artesão, tu deste ao homem  
O despeito que custou o sangue deste  
Soberano de teu próprio sobrenome!

Chega de inventar os teus brinquedos!  
O irmão tem uma irmã, afinal...  
– *Por Sofia!* – *Contra Pedro!*  
*Pela antiga fortaleza – contra a Internacional!*

*Agosto 1920*

\* \* \* (34)

Tenho em meu porte – retidão oficial,  
E nas costelas – oficial dignidade.  
Não reclamo do meu fardo habitual –  
Eis que a coragem de um soldado me invade.

Como outrora endireitassem o meu passo  
A coronhadas, com a cólera do aço,  
E a cintura de tcherkessk ostentasse,  
Só o cinto de couro apertado me laça.

Como a largura da ilharga minha inteira  
Fosse feita para o peso da algibeira,  
Ao crepúsculo escuto o paraíso lá no alto  
– Oh, meu Pai! – que foi tomado de assalto!

Вся Русь твоя святая в землю  
Не шла бы без гробов.

Ты под котёл кипящий этот —  
Сам подложил углей!  
Родоначальник — ты — Советов,  
Ревнитель Ассамблей!

Родоначальник — ты — развалин,  
Тобой — скиты горят!  
Твоею же рукой провален  
Твой баснословный град...

Соль высолил, измылил мыльце —  
Ты, Государь-кустарь!  
Державного однофамильца  
Кровь на тебе, бунтарь!

Но нет! Конец твоим затеям!  
У брата есть — сестра...  
— На Интернационал — за терем!  
За Софью — на Петра!

*Август 1920*

\* \* \*

Есть в стане моём – офицерская прямоть,  
Есть в рёбрах моих – офицерская честь.  
На всякую муку иду не упрямясь:  
Терпеньё солдатское есть!

Как будто когда-то прикладом и сталью  
Мне выправили этот шаг.  
Недаром, недаром черкесская талья  
И тесный ремённый кушак.

А зорю заслышу – Отец ты мой рódный! –  
Хоть райские – штурмом – врата!  
Как будто нарочно для сумки походной –  
Раскинутых плеч широта.

Um velho de guerra à criança nutria  
Embalando-me em valente melodia,  
E de berço trago o brio daqueles dias  
Das palavras quando faço – pontaria.

E assim meu coração ranger parece  
Mastigando certo *U-erre-esse-esse*,  
E eu mesma oficial a mim descubro  
Como fosse no mortal tempo de Outubro.

*Setembro 1920.*

\* \* \* (35)

Pelo bando que se foi – daqui migrou  
Ao montanhoso elísio campo  
Onde acampam também groux –  
E os pombinhos – cisnes brancos...

Por ti clamo, que mudaste para longe,  
Dos recônditos – responde-me!

Esses jovens, como bosques de carvalho,  
Que os maus pelas raízes os arrancam,  
Que se ergueram para o céu – sem alcançá-lo,  
Não de tornar-se eternamente cisnes brancos.

Vou por ti, minha carícia,  
Suspirando... – Dá notícia!

Toda tarde, toda tarde  
Os meus braços eu estendo para ti.  
Ao céu das revoadas, as mais belas amizades  
Quantas delas vi partir?

Na Rússia vermelha já vivi  
Mais que o devido. – Ajuda-me a subir!

*Outubro 1920*

Всё может – какой инвалид опалелый  
Над люлькой мне песенку спел...  
И что-то от этого дня – уцелело:  
Я слово беру – на прицел!

И так моё сердце над Рэ-сэ-фэ-сэром  
Скрежещет — корми-не корми! —  
Как будто сама я была офицером  
В Октябрьские смертные дни.

*Сентябрь 1920*

\* \* \*

Об ушедших — отошедших —  
В горный лагерь перешедших,  
В белый стан тот журавлиный —  
Голубиный — лебединый —

О тебе, моя высь,  
Говорю, — отзовись!

О молодых дубовых рощах,  
В небо росших — и не взросших,  
Об упавших и не вставших, —  
В вечность перекочевавших, —

О тебе, наша Честь,  
Воздыхаю — дай весть!

Каждый вечер, каждый вечер  
Руки вам тяну навстречу.  
Там, в просторах голубиных —  
Сколько у меня любимых!

Я на красной Руси  
Зажилась — вознеси!

*Октябрь 1920*

## Considerações

Oferecemos aqui uma amostra tradutória de 35 dos 61 poemas que compõem *Acampamento de Cisnes* [Лебединый Стан], de Marina Ivánovna Tsvetáieva. O livro foi escrito entre março de 1917 e fevereiro de 1921, em sua maior parte na cidade de Moscou. Tsvetáieva não numerou os poemas de *Acampamento de Cisnes*. Os números que constam entre parênteses, acompanhando as traduções, servem apenas para a organização destas notas, onde os assinalamos em negrito para facilitar sua localização no texto. A disposição dos poemas em *Acampamento de Cisnes* segue, com exceção do primeiro (**1**), uma ordem cronológica, com as datas ao final de cada um. O primeiro poema, com efeito, lança o motivo dramático, que subjaz a todo o conjunto: trata-se da partida do marido, Serguei Efron, como voluntário no Exército Branco, isto é, na resistência contra-revolucionária que se seguiu à revolução de 1917, pelo período da guerra civil, até os fins de 1921.

Quando em 1917 estourou a revolução de fevereiro, Tsvetáieva encontrava-se em Moscou para dar à luz sua segunda filha, Irina. Efron estava na Criméia para terminar a escola militar. Irina nasceu em 13 de abril. Em seguida Tsvetáieva viajou para a Criméia, onde se deu a cena de separação descrita no poema que abre *Acampamento de Cisnes*. Voltou a Moscou em novembro de 1917, ou seja, no instante seguinte à revolução de outubro. Sua intenção de abandonar Moscou com as filhas e viver com a irmã Anastássia em Feodóssia frustrou-se pelo bloqueio das estradas e início da guerra civil. Foi nesse ambiente, presa na Moscou revolucionária, sem marido ou família, sozinha com as duas filhas pequenas (a mais velha, Ariadna [Ália]<sup>2</sup>, tinha então cinco anos de idade), sem trabalho e fonte de renda, exposta à violência e às privações da guerra, que Tsvetáieva escreveu *Acampamento de Cisnes*.

Tsvetáieva veio de família intelectual e abastada; o pai, professor na Universidade de Moscou, fundador do Museu de Belas Artes de Moscou (hoje Museu Púchkin); a mãe, pianista de origem polaca aristocrática. Em 1906, contudo, ficou órfã da mãe, e em 1913 do pai. Casou-se com Serguei Efron em 1912, com vinte anos de idade, tendo ele dezenove. A revolução, naturalmente, inverteu a situação material da família. A sua casa em Moscou passou a ser habitada por inquilinos em 1917, a poeta com as filhas se instalaram no sótão; os bens rápido se consumiram em troca de alimento, lenha, combustível para a calefação. Sem trabalho, viu-se privada de um “cartão de racionamento”, e para sobrevivência passou a contar com ajuda de vizinhos e amigos. Um de seus bem-feitores foi o poeta Konstantin

---

2 Na forma diminutiva.

Balmont, a quem ela dedicou o poema de novembro de 1919 (31): “Passamos fome como espanhóis”, diz. A crise de abastecimento, consequência da guerra e de conflitos que se desenrolavam no campo, levou a uma escassez geral de alimento na Rússia. Tsvetáieva foi impelida a entregar as filhas ao orfanato, onde morreu a mais nova, Irina. Na edição de *Acampamento de Cisnes* revisada pela poeta em 1938, no poema de 8 de setembro de 1918 (22) consta a seguinte nota da autora: “Minha segunda filha Irina nasceu em 13 de abril de 1917 e morreu de fome, em 15 de fevereiro de 1920, no asilo para crianças de Kuntsevo” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 17)<sup>3</sup>. (O nome Irina, em grego, significa “paz”; daí a afirmação de Tsvetáieva no poema: “Dou-te por nome – a paz/ E por herança – o azul do céu”).

*Acampamento de Cisnes* engloba só uma parte do grosso volume de poemas escrito por Tsvetáieva nessa época; temos ainda a segunda parte de *Verstas* (*Versty*, 1917-1921), *O Tsar-Donzela* (*Tsar-Devitsa*, 1920), o livro *Ofício* (*Remeslo*, 1921-1922). Os relatos e reflexões em prosa, à maneira de um diário, foram em parte reunidos em *Indícios Terrestres* (*Zemnye primety*, 1917-1919). Compôs também, pela primeira vez, para o teatro; um conjunto de seis peças curtas que Tsvetáieva reunirá sob o título *Romantika* (*Romantika*, 1918-1919)<sup>4</sup>. Os críticos avaliam que os anos da revolução, apesar dos pesares, encerram um dos períodos mais profícuos da poeta e, principalmente, um passo decisivo de seu amadurecimento. Simon Karlinski (1985, pág. 67) observou que o poema de 2 de março de 1917 (2) foi, possivelmente, o primeiro de tema político na obra de Tsvetáieva. Tsvetán Todorov concorda que “Tsvetáieva só encontra seu destino depois da Revolução de Outubro” (*in* TSVETÁIEVA, 2008, pág. 17). Com ela, superando a indiferença política inicial, Tsvetáieva conquista um salto material e qualitativo. Embora ambíguo, posto que ao se engajar no tema da revolução, agarra-se à velha tradição, representando-a no ideal da monarquia em derrocada.

O valor de *Acampamento de Cisnes* pode ser captado por essa ambigüidade, na medida em que a poeta rejeita o espírito moderno, que a estrutura dicotômica faz

3 Nossa tradução. [Моя вторая дочь Ирина — родилась 13го апрѣля 1917 г., умерла 2го февраля 1920 г. въ Срѣтеніе, отъ голода, въ Кунцевскомъ дѣтскомъ приютѣ]. Obs.: A edição de *Лебедимый Стан* a que nos referimos aqui, e indicada em primeiro lugar na Bibliografia, contém o texto original de Tsvetáieva, revisado por ela em 1938. Em 1918 a língua russa passou por uma reforma ortográfica que derrubou a letra *iat* (ѣ), letra esta que a poeta (talvez não reconhecendo a legitimidade do governo) se negou, terminantemente e até o fim, a suprimir de sua escrita e, ademais, de sua própria assinatura (posto que a grafia original de seu sobrenome é “Цвѣтѣева”). Nessa edição consultamos as notas de Tsvetáieva, algumas delas citadas neste comentário. Mas para a disposição dos textos originais junto à tradução usamos a versão atualizada, constante nos endereços eletrônicos elencados em nossa Bibliografia.

4 A esse respeito ver TOLEDO, Raquel Arantes. *Uma aventura: o teatro de Marina Tsvetáieva*. São Paulo: FFLCH-USP 2015. Dissertação disponível no sistema.

afastar como a um inimigo de guerra, e por outro lado assume uma expressão cada vez mais objetiva, que lhe permite superar a crise do simbolismo e ingressar para a modernidade com todo o avanço que Tsvetáieva sabidamente representou para a poesia russa do século XX. Os poetas de vanguarda, em particular os futuristas, foram as pontas de lança no âmbito do experimento poético com a linguagem. O rompimento radical que pregaram, no calor da revolução, para com a tradição precedente, levou a cabo uma crítica ao simbolismo. Nessa época, Tsvetáieva passara por uma fase “simbolista”, como se costuma dizer, sob especial influência de Alexander Blok, a quem dedicou um ciclo poético em 1916. Em *Acampamento de Cisnes* ela não intenta se tornar uma poeta experimental e, pelo contrário, permanece ligada à técnica simbolista, embora a supere, efetivamente, através do salto material que a revolução provê. Um sinal disso vemos nesta nova dedicatória a Blok (32). Se em *Versos para Blok* [СТИХИ К БЛОКУ] (1916) o ícone da poesia simbolista figurava para ela como um anjo, neste poema de 1920 o anjo está despedaçado em uma Rússia que detonou seu ideal de mundo. Assim expressa a imagem da bomba que o anuncia, como explica Tsvetáieva em nota: “Verídico: ao som das explosões no bairro Khodinki e sob uma chuva de cacos, íamos – ele para o palco, nós para a platéia. Na verdade, isso aconteceu sob os estrondos dos projéteis que irrompiam da Revolução” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 24)<sup>5</sup>. Recepciona o antigo mensageiro da alma russa a dissolução mesma da promessa messiânica que ademais animava o movimento simbolista. Tsvetáieva, que nunca professara simpatia pela igreja ortodoxa, cria com ela uma identificação momentânea, assume o elo ideológico entre Deus, o Tsar e a Rússia, a terra prometida; não obstante, Tsvetáieva testemunha o sepultamento dessa promessa (13) com maior independência do que o anjo desorientado que ela enxerga em Blok.

O mesmo ocorre com toda a simbologia de seu *Acampamento de Cisnes*. Encontra-se o herói romântico, ideal da “rebelião individualista” que moveu a fase juvenil da poeta e cujo principal protótipo fora Napoleão. Porém, ao atribuir o título de Napoleão à figura de Alexander Kerenski, no poema de 21 de maio de 1917 (6), a poeta esboça antes um retrato da época: a associação entre o líder do governo provisório e a figura de Bonaparte era corrente nos meios de comunicação, comentava-se nas ruas os “olhos sonâmbulos” de Kerenski, os elementos performáticos que marcaram sua ascensão e fama. Inclusive a imagem principal do poema, “A cruzeta do soldado/ Na lapela do uniforme”, Tsvetáieva a extraiu

---

5 Nossa tradução. [Достовѣрно: подь звуки взрывовь съ Ходынки и стекольный дождь, подь к-ымь план — онь на эстраду, мы — въ заль. Но, помимо этой достовѣрности — подь рокоть рвущихся снарядовь Революции. М. Ц.]

de um fato noticiado, como ela explica: “A cruz que na assembléia um soldado sacou de seu peito e pregou ao peito de Kerenski. Conferir os jornais do verão de 1917” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 6)<sup>6</sup>. Os quadros da época, que dão ao *Acampamento de Cisnes* um teor de crônica dos anos revolucionários, se mesclam com os interlúdios líricos que concentram o cerne simbólico do livro. Os cisnes brancos e os negros corvos, como deixa entrever o poema de 9 de agosto de 1918 (20), foram as imagens com que a mãe ofereceu para a criança uma explicação velada para a guerra e a ausência do pai. O fato empírico, que subjaz ao simbolismo do poema, nos lança de um conto de fadas para o sótão escuro onde conversavam Marina e Ariadna. Sempre há aqui um substrato objetivo para uma imagem aparentemente ideal: o peregrino, personagem tradicional da literatura russa, permite à mãe informar a filha de um novo fato que a revolução provoca: a iminente emigração para o estrangeiro.

Quanto ao tsar, em *Acampamento de Cisnes* a imagem tem camadas de significação mais profundas do que um simples posicionamento anti-revolucionário, se bem que o seja. Na língua russa tsar significa rei. Mas é evidente que a palavra tem implicações específicas. Além de tudo, o tsar designa um personagem tradicional da cultura russa, tem uma história na literatura oral e escrita. A poesia de Tsvetáieva é habitada por tsares. Em *Acampamento de Cisnes* é a primeira vez que Tsvetáieva identifica o “tsar” com a pessoa de Nicolau II, no contexto da deposição e assassinato deste, conferindo à imagem poética sua materialidade histórica. Mas a imagem não deixa de ser fruto de uma releitura a que Tsvetáieva submete seu universo simbólico num momento em que a revolução o põe em crise. Outra resposta que ela dará a esse problema, em direção contrária, será conferir ao tsar uma representação puramente folclórica em seu poema-*skazka* ‘O Tsar-Donzela’.

A classe social, sem dúvida, foi um fator que determinou a recusa de Tsvetáieva em relação à revolução. Literariamente, a poeta projetou no Exército Branco seu romantismo de juventude (os ideais cavaleirescos de honra e lealdade), exaltando o heroísmo trágico da guarda real suplantada pela marcha inevitável da história. “Difícil e admirável!”, ela diz, “lealdade até a morte! / Realeza magnânima – na era dos mercados! Estóica alma, estóico porte – / Onde os homens que havia no passado!?” (14). Isso o que Tsvetáieva definiu não tanto como nostalgia, senão um seu “amor por todos os vencidos, por todas as *causes perdues* – as últimas mo-

6 Nossa tradução. [Крестъ, на какомъ-то собраніи, сорванный съ груди солдатомъ и надѣтый на грудь Керенскому. См. газеты лѣта 1917 г. М. Ц.]

narquias, os últimos cocheiros, os últimos poetas líricos”<sup>7</sup>. A manifestação contra-revolucionária de Tsvetáieva em *Acampamento de Cisnes* expressa, antes de tudo, um sentimento anti-moderno. Não obstante, a revolução depurou sua linguagem, permitindo a Tsvetáieva atingir com ela um estágio efetivamente moderno, por vezes destoante do conteúdo ideológico. A poeta reflete a respeito, uma década depois em *O Poeta e o Tempo* [Поэт и время] (1932), ao recordar: “Quando numa ocasião li o meu *Acampamento de Cisnes* num ambiente de todo inadequado, um dos presentes disse: ‘Não está mal. Afinal de contas, você é um poeta revolucionário. Tem o nosso ritmo’, e conclui: “Também sei que o verdadeiro público de meu *Perekop* não são os oficiais da Guarda Branca, a quem... gostaria, de cada vez que leio o poema, contar-lho em prosa – não são eles, mas os Cadetes do Exército Vermelho, a quem todo o poema... chegaria – chegará.” (TSVETÁIEVA, 1993, pág. 62) (O poema *Perekop* [Пеpeкoп] foi mais uma homenagem de Tsvetáieva à resistência do Exército Branco, desta vez na fortaleza de Perekop, na divisa da Criméia com o atual território da Ucrânia). Assim, Tsvetáieva acredita que precisamente o avanço formal de seus versos, que os faz intragáveis para a emigração conservadora, poderia satisfazer seus conterrâneos revolucionários, não fosse a quem os poemas efetivamente se dedicam. Sobre seu poema de setembro de 1920 (34) (“Tenho em meu porte – retidão oficial...”), Tsvetáieva conta em 1938: “Em Moscou, estes versos se chamaram ‘Sobre o oficial vermelho’, e durante um ano e meio eu os lia em cada apresentação minha, com grande êxito, respondendo aos invariáveis pedidos dos cadetes” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 27)<sup>8</sup>. Bastou um retoque no título do poema para disfarçá-lo de revolucionário e obter um êxito que, queixa-se a poeta, nunca obteria no ambiente “branco” dos emigrados.

Quanto a leituras em “ambientes inadequados”, Tsvetáieva registra em seu diário: “Estou de visita. Pedem-me que recite alguns versos. Como está presente um comunista, recito: ‘Guarda Branca – teu caminho é altíssimo...’. Depois da Guarda Branca, outra Guarda Branca; depois da segunda, a terceira, todo o ‘Don’; depois ‘Cavalos de pura raça’ e ‘Ao Tsar – à Páscoa’”<sup>9</sup>. Tsvetáieva intitulará essa

---

7 Nossa tradução: [Любовь ко всем побежденным, ко всем *causes perdues* — последних монархий, последних конских извозчиков, последних лирических поэтов]. [http://www.tsvetayeva.com/prose/pr\\_chert](http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_chert)

8 Nossa tradução. [NB! Эти стихи в Москвѣ назывались «про красного офицера», и я полтора года съ неизмѣннымъ громкимъ успѣхомъ читала ихъ на каждомъ выступлении по неизмѣнному вызову курсантовъ].

9 [Сижу в гостях. Просят сказать стихи. Так как в комнате коммунист, говорю “Белую гвардию”. Белая гвардия — путь твой высок... За белой гвардией — еще белая гвардия, за второй белой — третья, весь “Дон”, потом “Кровных коней” и “Царю на Пасху”]. <http://www.tsvetayeva.com>

história de *Um pernoite na comuna*: conta como esse mesmo comunista, que estava presente àquela noite, apreciou seus versos, e ao se inteirar da situação precária em que vivia a poeta, lhe ofereceu ajuda. Com essa mesma sinceridade e pouca noção do perigo, Marina Tsvetáieva conquistou entre os bolcheviques importantes amizades. Foi o caso de seu inquilino, o polonês chamado Henrik Sachs, ele mesmo um membro da polícia política, a Tcheká. A despeito da repressão ideológica da Tcheká e o temor que ela infundia, “um de seus altos funcionários”, conta Simon Karlinski, “não agiu como um carrasco, mas como uma espécie de anjo da guarda...

Marina Tsvetáieva não escondeu o fato de que seu marido estava lutando contra os bolcheviques no Exército Branco. Chegou ao ponto de anunciar esse fato vestindo um cinto de couro e carregando uma bolsa de campo que faziam parte do uniforme de um oficial tsarista... [Nota-se de onde vêm o cinto e a algibeira do poema (34)]<sup>10</sup> Tsvetáieva não escondeu de Sachs seu ódio do sistema soviético e sua esperança pela derrota do mesmo. No entanto, ele a tratou com deferência amigável e freqüentemente compartilhou suas rações [de alimento] com ela e suas filhas [...] Henrik Sachs gostou e entendeu a poesia de Tsvetáieva... Ela valorizava especialmente amizades como a dele: a boa vontade entre pessoas pertencentes a dois campos hostis... e assim foi em vários outros contatos amistosos seus com membros do Partido Bolchevique (por exemplo, Piotr Kogan, Anatoli Lunatcharski e Boris Biessarabov)”. (KARLINSKY, 1985, págs. 77-78)<sup>11</sup>

Assim pensa também Tsvetán Todorov em *Uma Vida sob o Fogo*, que “Tsvetáieva eleva-se acima do conflito entre os dois exércitos, o Branco e o Vermelho” (TODOROV in: TSVETÁIEVA, 2008, pág. 22). Para sustentar essa ideia, cita

---

[com/prose/pr\\_nochevka](#) Obs. Todos os poemas aqui mencionados por Tsvetáieva integram *Acampamento de Cisnes*. O poema *O Don* (12), em nossa tradução nesta coletânea, é na realidade o primeiro de um tríptico. Foi na bacia do rio Don, no extremo oeste da Rússia, hoje território da Ucrânia, o maior foco da resistência contra-revolucionária do Exército Branco.

10 Parêntese nosso.

11 Nossa tradução. [one of the top officials of the Lubianka acted not as an executioner but as something of a guardian angel. [...] Marina Tsvetaeva did not hide the fact that her husband was fighting against the Bolsheviks with the White Army. She went to the extent of advertising that fact by wearing a leather belt and carrying a field pouch which were a part of a tsarist officer's uniform [...] In conversations with Sachs, Tsvetaeva did not conceal her hatred of the Soviet system and her hope for its defeat. Yet he treated her with friendly deference and constantly shared his rations with her and her children. [...] Henryk Sachs liked and understood Tsvetaeva's poetry and he visited her after he moved away. His was the kind of friendship that she especially valued: good will between people belonging to two hostile camps, whether political or literary. As in several other instances of her friendly contacts with Bolshevik party members (e.g., Piotr Kogan, Anatoly Lunacharsky and Boris Bessarabov)].

um poema de 1920, o penúltimo de *Acampamento de Cisnes*, cujo trecho a seguir foi traduzido, para a edição do mesmo artigo em português (na introdução do volume auto-biográfico de Tsvetáieva que Torodov reuniu sob o título “Vivendo sob o Fogo”), por Aurora F. Bernardini:

“Da esquerda à direita,  
Bandeiras sangrentas,  
E cada ferida:  
– Mamãe querida!

E isso somente  
Eu, bêbada, escuto,  
De ventre – a ventre:  
– Mamãe querida!

Ao lado deitados –  
Parti-los, não posso.  
Repara: um solado.  
É deles? É nosso?

De branco a vermelho:  
O sangue o pintou.  
De vermelho a branco:  
A morte ganhou”.  
(TSVETÁIEVA, 2008, págs. 22-23)

### (Notas):

Seguem algumas notas, numeradas de acordo com cada poema que demande uma explicação específica.

(3) “Dorme em paz com/ Tua Aldeia a consolar-te...”/ Aldeia do Tsar, *Tsárskoie Seló*, residência da família imperial russa, a 26 km de São Petersburgo. Quando a revolução de 1917 destituiu Nicolau II, então o imperador da Rússia, ele e sua família foram feitos prisioneiros, primeiramente, no palácio de Alexandre, situado na Aldeia.

(4) “Como Dmitri de Ivan, Alexei de Nikolai”/ Refere-se a Alexei Nikolaievitch, o tsariévitch, isto é, o príncipe Alexei, filho de Nicolau II. Dmitri, filho de Ivan, foi Dmitri de Uglitch, filho de Ivan, o Terrível, assassinado aos 10 anos

de idade em 1591 na cidade de Uglitch. Marina Tsvetáieva, recorrendo a essa referência histórica, clama pela vida do tsariévitch Alexei, então com 13 anos de idade. Nicolau II, a tsarina Alexandra e seus cinco filhos, Alexei, Anastássia, Maria, Tatiana e Olga, mais quatro empregados da família, foram fuzilados em Ekaterinburgo no dia 17 de julho de 1918.// Obs.: Para provocar a rima ideal, empregamos uma transliteração estrita do nome *Nikolai*.

(5) “Nessa hora matutina/ O macabro ritual dos clandestinos”/ Um intenso anti-clericalismo marcou a revolução de outubro. A igreja ortodoxa russa, aliada do governo tsarista, teve depredados seus templos, muitos dos sacerdotes foram perseguidos e mortos. Um eco deste poema de 10 de abril de 1917 se encontra na seguinte experiência que Marina Tsvetáieva registrou em seu diário:

“É de manhã bem cedo. Ália e eu passamos em frente à igreja de Boris e Gliéb. Está tendo serviço. Subimos, atrás de uma velhinha vestida de negro, pelos degraus da branca escadaria. O templo repleto, por causa da hora matutina e do silêncio profundo, passa a impressão de uma conspiração [zarovopa]. Uns segundos depois, ouço claramente com meus próprios ouvidos: - Pois bem, irmãos, se essas terríveis notícias se confirmarem, apenas mandarei que soe o sino e corram de casa em casa enviados-mensageiros, que informarão a todos vocês sobre o inaudito crime. Estejam prontos, irmãos! O inimigo vigia, vigiem também! Com o primeiro toque do sino, a qualquer hora do dia ou da noite – todos, todos para a igreja! De pé, irmãos, e peito erguido, para proteger o santuário! Tragam com vocês suas crianças pequeninas, os homens não portem armas: ergueremos nossas mãos nuas, em sinal de oração – veremos se eles se atrevem a usar a espada contra uma multidão desarmada! E se assim fizerem – que seja, tombaremos todos, tombaremos com o sentimento de dever cumprido nos degraus de nosso templo defendendo, com a última gota de nosso sangue, Jesus Cristo nosso Senhor e Soberano, intercessor de nossa igreja e nossa desgraçada pátria”<sup>12</sup>.

12 Nossa tradução. [Раннее утро. Идем с Алей мимо Бориса и Глеба. Служба. Выходим, вслед за какой-то черной старушкой, по ступеням белого крыльца. Храм полон, от раннего часа и тишины впечатление заговора. Через несколько секунд явственно ушами слышу: — ...Итак, братья, ежели эти страшные вести подтвердятся, как я только о том проведаю, ударит звонарь в колокол, и побегут по всем домам гонцы-посланцы, оповещая всех вас о неслыханном злодеянии. Будьте готовы, братья! Враг бодрствует, бодрствуйте и вы! По первому удару колокола, в любой час дня и ночи — все, все в храм! Встанем, братья, грудью, защитим святыню! Берите с собой малолетних младенцев ваших, пусть мужчины не берут оружия: возденем голые руки горе, с знаком молитвы, посмотрим — дерзнут ли они с мечом на толпу безоружных! А ежели и это свершится — что ж, ляжем все, ляжем с чувством исполненного долга на ступенях нашего храма, до последней капли крови защищая Господа нашего и Владыку Иисуса Христа, покровителей храма сего и нашу несчастную родину.] [http://www.tsvetayeva.com/prose/pr\\_voin\\_hrivot](http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_voin_hrivot)

(8) Como a cidade de seu próprio nascimento, Tsvetáieva já fizera de Moscou um tema lírico, por exemplo em *Versos sobre Moscou* [Стихи о Москве] (1916); cantou suas memórias, paisagens e construções históricas, as cúpulas do Krêmlin que constantemente badalam em sua poesia. Mas em novembro de 1917 o cenário é outro: Tsvetáieva acaba de chegar da Criméia à Moscou revolucionária, ainda sob o fragor de outubro, cujo impacto ela registra nesse tríptico. Procurando por palavras de encorajamento, enumera uma série de episódios históricos em que Moscou foi palco de resistência e heroísmo.// “Quando agarrou-te aquele ruivo Impostor...”: Refere-se a pseudo-Dmitri I, tsar impostor que governou a Rússia no biênio de 1605-1606. Acredita-se que tenha sido Grigori (Grichka)<sup>13</sup> Otriepiev, que se aproveitou do vazio deixado no trono pelo assassinato de Teodoro II, rebatizando-se com o nome de Dmitri, o mesmo filho de Ivan, morto na cidade de Uglitch. Assim, fez acreditar na lenda de que Dmitri estaria vivo, que se mantivera escondido, sendo ele mesmo o herdeiro legítimo, marchando com seu exército da Polônia até Moscou, onde se apossou do trono. Por isso a idéia de que Dmitri tentaria “polonizar” Moscou. Deposto e morto no ano de 1606, conta-se que seu corpo foi cremado e as cinzas disparadas de um canhão em direção à Polônia.// “E germânica tampouco para Pedro te fizeste...”/ A cidade de Moscou foi substituída como capital da Rússia em 1713 por Pedro, o Grande, que mandou construir São Petersburgo e fez dela a capital do que então passou a se chamar Império russo. Com planos de modernizar a Rússia, Pedro empreendeu uma tentativa, sobretudo, de a ocidentalizar, e ostensivamente importou inovações da Europa, em especial da Alemanha. Ele enfrentou uma forte resistência da aristocracia conservadora moscovita. A oposição entre Moscou e Petersburgo na cultura russa equivale à velha Rússia medieval contra o florescimento do Império em sua abertura para o ocidente. Em 1917 a revolução teve por efeito transferir a sede governamental de volta para o Krêmlin em Moscou; a cidade se tornava novamente, agora sob comando de Lênin, o centro do poder político da Rússia. Tsvetáieva, rejeitando Lênin como a um impostor, invoca as forças conservadoras da antiga Moscou, antagônicas ao espírito de modernidade que identifica no bolchevismo. Da mesma forma, Feodóssia Morózova, mártir dos “velhos crentes”, se recusou a aceitar as inovações no ritual ortodoxo impostas pelo patriarca Nikon em 1666; a Napoleão a Rússia repeliu em 1812, derrotou sua campanha e assim preservou, contra os ideais republicanos da revolução francesa, a autocracia tsarista; todos estes foram movimentos “para trás”, em defesa dos velhos costumes, da ordem estabelecida.//

---

13 Na forma diminutiva.

(9) “Strieliets”/ Os *strieltsi*, categoria militar criada por Ivan, o Terrível, constituíam-se de um grande conjunto de guardas armados à serviço da coroa. Os *strieltsi* participaram, algumas vezes, de revoltas: em 1682 procuraram impedir a coroação de Pedro e em 1698 intentaram o destituir e favorecer a nomeação de sua irmã, Sofia Alexeievna. Pedro suprimiu o levante e mandou punir exemplarmente os *strieltsi*. A este fato da história remete Tsvetáieva novamente em seu poema *Para Pedro* (33), ao proclamar: “- Por Sofia! – Contra Pedro!”. Os apoiadores de Sofia, como eram os *strieltsi*, reagiram às reformas de Pedro em consonância com a velha aristocracia tradicionalista, os *boiardos*, avessos à ocidentalização forçada empreendida pelo tsar. // “Sal refinaste, sabão derreteste/ Tsar-artesão”. Quando foi surpreendido pela revolta dos *strieltsi*, Pedro integrava uma expedição à Europa, de onde trouxe uma série de inovações em costumes e tecnologia militar e naval. Ele usou um nome falso e ocultou sua identidade de tsar para se entregar aos trabalhos manuais. Já na infância Pedro se interessava pela construção de navios, aprendeu a manipular o torno mecânico, esculpir em madeira, “brincava” com uma frota de verdade no Lago Plescheievo. “O ideal do tsar-artesão foi reiteradamente repetido desde Simeon Polotski [...] até o ‘Estâncias’ de Púchkin [Стансы, 1826]”, diz Iúri Lotman em ‘Contrato’ e ‘doação de si’ como modelos arquetípicos da cultura<sup>14</sup>. I. Lotman considera as conseqüências da era petrina para o sistema religioso da cultura russa, em particular no concernente ao *status* divino da figura do tsar e seu processo de secularização, pelo qual a percepção do *contrato*, como modelo de relação político-social, ofuscado pela deferência incondicional à autocracia, se despertou no povo russo. Diz ele:

O século XVIII trouxe uma profunda mudança para todo o sistema da cultura [russa]... O modelo estatal-religioso não desapareceu, mas sofreu interessantes transformações... A atividade prática do “baixo” domínio foi elevada ao topo da hierarquia de valores. A des-simbolização da vida, acompanhada de demonstrações em que se pisoteavam na lama os símbolos do

14 Nossa tradução. [Идеал царя-работника неоднократно повторялся от Симеона Полоцкого... до «Стансов» Пушкина. [...] XVIII в. принес глубокие перемены во всей системе культуры. [...] Государственно-религиозная модель не исчезла, а подверглась интересным трансформациям... Практическая деятельность из области «низкого» была поднята на самый верх ценностной иерархии. Десимволизация жизни, сопровождавшаяся демонстративным затаптыванием символики предшествующего периода в грязь и выставлением её на публичное осмеяние, поднимала авторитет практического дела. Поэзия ремесла, полезных умений, действий, которые не являются ни знаками, ни символами, а ценны сами собой, составляла значительную часть пафоса петровских реформ...]. <http://evolkov.net/conflict/contract/Lotman.Yu.Contract.&handing.of.self.html> Obs.: “Estâncias”, poema de Alexander Púchkin em louvor de Pedro, o Grande.

período precedente, expondo-os ao ridículo público, elevou a autoridade do trabalho prático. A poesia do artesanato, as habilidades úteis, ações que não constituíam sinais nem símbolos, mas valorosas em si mesmas, formaram parte significativa do *pathos* das reformas de Pedro...

O posicionamento de Tsvetáieva neste poema consiste não tanto em desconsiderar o trabalho manual em si, senão em reconhecer os efeitos dessa inversão histórica, agora que os trabalhadores de baixo deram cabo dela, com o assassinato do tsar, em um último ato de profanação daquela escala de valores. Pela reputação de tsar-artesão Tsvetáieva repreende Pedro nesse poema (33) como a um “Soberano operário”, primeiro subversor da ordem de classes, por culpa de quem está seu derradeiro descendente de mesmo sobrenome, ou seja, Nikolai Románov, enterrado sob os trilhos de trem. Ela esclarece em nota: “Em Moscou então pensávamos que ao Tsar haviam fuzilado em algum apeadeiro de trem nos Urais” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 25)<sup>15</sup>.

(15) “Se a Imagem cobriram com trapo vermelho”/ Em 1938 Tsvetáieva acrescenta a este verso a seguinte nota: “A bandeira vermelha, com a qual cobriram a imagem de São Nicolau, o Milagroso. O que se segue é bem conhecido” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 13)<sup>16</sup>.

(25) “Deus e Tsar!.../ Não condeneis Stenka Rázin!”/ Stepan (Stenka)<sup>17</sup> Rázin foi o líder cossaco do Don, rebelde libertário que organizou um exército popular contra o tsar Alexei I. Quando capturado, foi torturado e esquartejado na Praça Vermelha, em Moscou, no ano de 1671. Stenka Rázin figura no folclore russo como um herói da rebelião. Dele Tsvetáieva se recorda neste poema, ao primeiro aniversário de Outubro. E acrescenta a seguinte nota: “Eram dias em que o general Mamontov marchava em direção a Moscou – e toda a burguesia trocava *kerenki* por *tsarskie*<sup>18</sup> – e só eu não trocava (não apenas porque não os tinha, mas também...) porque sabia que não entraria na Capital – o Exército Branco!” (TSVETÁIEVA, 2006, pág. 20)<sup>19</sup>. Konstantin Mamontov foi o líder da cavalaria na frente sul do

15 Nossa tradução. [въ Москвѣ тогда думали, что Царь разстрѣлянь на какомъ-то уральскомъ полустанкѣ.]

16 Nossa tradução. [Красный флагъ, к-ымъ завѣсили ликъ Николая Чудотворца. Продолженіе извѣстно.]

17 Forma diminutiva.

18 *Kerenki*, dinheiro emitido por Kerenski, e *tsarskie*, os rublos do tsar.

19 Nossa tradução. [Дни, когда Мамонтовъ подходилъ къ Москвѣ — и вся буржуазія мѣняла керенскія на царскія — а я одна не мѣняла (не только потому, что ихъ не было, но и) потому что знала, что н е войдетъ въ Столицу — Бѣлый Полкъ !]

Exército Branco, sob o comando de Anton Denikin. Em janeiro de 1919 conquistou a bacia do Don, a partir de lá empreendendo vitórias que permitiram sua aproximação de Moscou em julho do mesmo ano. Contudo, a campanha fracassou e o Exército bateu em retirada para a Criméia. Tsvetáieva cria aqui uma situação hipotética: se as esperanças se concretizassem, as forças tsaristas penetrassem em Moscou e o próprio Tsar descesse dos céus, a poeta clamaria por clemência em nome de Stenka Rázin. Imagem de conciliação que parece justificada pelo dia de festa. Um último dado pertinente a este poema nos traz de volta às amizades de Tsvetáieva entre os comunistas: Karlinski comentou que “Tsvetáieva começou uma amizade com um alto e bonito soldado bolchevique, que fora um ladrão de banco e condecorado herói militar na I Guerra. Ela o apelidou de Stenka Rázin, como o famoso rebelde do século XVII, leu para ele sua poesia [...] e o presenteou com seu anel de prata favorito” (KARLINSKY, 1985, pág. 80)<sup>20</sup>.

(26) Para A. A. Stakhóvitch. Leia-se, na epigrafe em francês: “A Deus – minha alma./ Meu corpo – ao rei,/ O coração – às damas/ A honra – para mim”. Em 1919 Tsvetáieva ingressou no mundo do teatro, envolvendo-se com um grupo de atores no terceiro estúdio, dirigido por Ievgueni Vakhtangov, do Teatro de Moscou. Deste grupo se destacaram a amizade com o poeta Paviel Antokolski e o amor platônico pela atriz Sofia Holliday, a quem Tsvetáieva dedicou seu *Versos para Sónietchka* [Стихи к Сонечке] (1919). Conheceu também Alexei Alexandrovitch Stakhóvitch, velho ator do Teatro de Moscou, antes de ele se suicidar em 10 de março de 1919 com a idade de 63 anos. A este respeito conta Simon Karlinski:

“Stakhóvitch fora oficial nas guardas, alcançou a posição de *aide-de-camp* na corte imperial, e mais tarde tornou-se ator no Teatro de Arte de Moscou. Após a revolução, quando Tsvetáieva o encontrou, ele era um professor muito admirado de modos e etiqueta em uma escola teatral atendida pelos membros do terceiro-estúdio. Tsvetáieva tinha ouvido falar bastante de Stakhóvitch pelos seus amigos atores antes de conhecê-lo. Seu suicídio em fevereiro [sic] de 1919 foi percebido por ela como um evento importante e simbólico, marcando o desaparecimento iminente dos valores culturais que ela associou ao século XVIII e início do XIX e com os quais se identificava cada vez mais em poemas depois incluídos em *Verstas II* e *Psiché*. À memória de Stakhóvitch Tsvetáieva dedicou vários poemas, um deles que estava pro-

20 Nossa tradução. [Tsvetaeva struck up a friendship with a huge and handsome Bolshevik soldier, who was a former bank robber and a decorated military hero during World War I. She nicknamed him Stenka Razin after the famed seventeenth-century rebel, read her poetry to him [...] and presented him with her favourite silver ring.]

gramado para ser lido em uma cerimônia comemorativa no Teatro de Arte de Moscou. Sua leitura foi vetada por Vladimir Nemirovitch-Dantchenko, um dos fundadores do Teatro (com Stanislavski). Ele sentiu que o poema era perigosamente franco demais”.

(KARLINSKY, 1985, págs. 83-84).<sup>21</sup>

## Conclusão

O poeta carioca Carlito Azevedo, em *Livro das Postagens* (2016), empresta de Marina Tsvetáieva o personagem principal de seu “Prólogo canino-operístico”:

“[...]  
 Marina Tsvetáieva me conhece.  
 Certa vez, em plena fome  
 Dos primeiros anos da revolução  
 Que em breve completará cem anos,  
 Ela estava sentada numa calçada  
 Sem ter o que comer ou dar de comer  
 Às suas filhas (uma morreria de fome)  
 Quando me aproximei magro  
 Acreditando que um coração de poeta  
 Sentiria pena de mim  
 E me livraria da cartolina  
 Que me tinham pendurado no pescoço  
 Com os dizeres escritos a lápis:  
*Matem Lênin e Trotsky ou eu serei comido.* [...]”

(AZEVEDO, 2016, págs. 13-14)

---

21 Nossa tradução. [Stakhovich, who was once an officer in the guards, then held the position of aide-de-camp at the imperial court, and still later became an actor at the Moscow Art Theater. After the revolution, when Tsvetaeva met him, he was a much admired teacher of deportment and etiquette at a theatrical school attended by the members of the Third Studio. Tsvetaeva had heard a great deal about Stakhovich from her actor friends before she actually got to meet him. His suicide in February 1919 was perceived by her as a momentous and symbolic event, marking the proximate disappearance of the cultural values which she associated with the eighteenth and early nineteenth centuries and with which she was identifying more and more in poems that were later included in Mileposts II and Psyche. She dedicated several poems to the memory of Stakhovich, one of which she was scheduled to read at a commemorative ceremony at the Moscow Art Theater. Her reading was vetoed by Vladimir Nemirovich-Danchenko, one of the theater's two founders (with Stanislavsky), who felt that the poem was dangerously outspoken.]

Esse cão vem de uma anotação, tomada por Tsvetáieva em seu diário no dia 10 de abril de 1920, que se resume à curta frase: “Andrei conta que viram passar um cachorro que levava o cartaz: ‘Abaixo Trótski e Lênin – ou eu serei comido’” (TSVETÁIEVA, 2008, pág. 142). Em um trecho de seu diário, publicado por Tsvetáieva em 1925 sob o título *O atentado contra Lênin*, a poeta procura esconder, em respeito ao amigo comunista Sachs, seu sorriso de esperança pela morte do líder bolchevique. Nosso leitor já pode apreciar essas reações de Tsvetáieva sem as reduzir ao maniqueísmo pró e contra-revolucionário. A tônica de seu rechaço à revolução nada tem de aborrecimento reacionário, senão de uma profunda irreverência individual que se revestiu, naquelas circunstâncias, de uma roupagem “branca”. Essa mesma irreverência Tsvetáieva voltará contra a direita da emigração russa na Europa, em particular os editores de revistas; com esse mesmo rechaço tratará, em textos como *O Caçador de Ratos* [Крысолов] (1925), *Meu Púchkin* [Мой Пушкин] (1937) ou em *Versos para Tcheca* [Стихи к Чехии] (1938-1939), temas como a ascensão do nazi-fascismo, o racismo, a atmosfera de ódio que levou a Europa à II Guerra. Não se pode esperar dos poetas uma resposta uniforme aos fatos históricos, em especial dos que foram diretamente atingidos por tais fatos. Entretanto, alguns cortaram a história de fora a fora com irredutíveis gestos de coragem, protesto, recusa (não por acaso Augusto de Campos incluiu Tsvetáieva em seu volume *Poesia da Recusa*, 2006). Nem o oficial da guarda branca, nem o oficial vermelho são mais heróis do que esta mulher, que para assim escrever, sozinha, sofredamente e na contra-mão da marcha totalitária, deu provas dessa coragem.

Consideramos importante dar uma palavra para a recepção destas traduções hoje, cem anos depois, neste centenário da revolução russa. A União Soviética não viveu para ver esta comemoração; naufragou com sua promessa e tragou seus poetas. “Minha poeta”, diz o cão de Azevedo, “deu de comer à corda/ o próprio pescoço”. Refere-se ao suicídio de Marina Tsvetáieva em 1941. De volta após 17 anos (1922-1939) na emigração, a poeta não suportou viver sob o regime stalinista, e com o estouro da invasão nazista sobre a Rússia em junho de 1941, no dia 31 de agosto Tsvetáieva deu, com a corda, sua declaração final de recusa. Isto é, enforcou-se na cidade de Ielábuga. Ingressou para a lista dos artistas que o sistema soviético trucidou. É assim que o cão de Carlito Azevedo, aprisionado em um cubo de tortura, invoca os nomes de Marina Tsvetáieva, Anna [Akhmátova], e também Vladimir “Maiakóvski... [o desesperado cantor/ que me incorporava/ à sua assinatura nas cartas de amor]”. Para tudo o cão pergunta: como vim parar aqui? A resposta, é claro, se produz como um balanço histórico:

“[...] Se vim parar aqui...  
foi abanando o rabo para o futuro.  
foi arreganhando os dentes para o futuro.  
E ansiava por futuro. [...]”

(AZEVEDO, 2016, pág. 14)

No entanto, o tema da revolução russa, neste seu centenário, ultrapassa o interesse historiográfico; ele é atual, estratégico, em torno dele ocorre uma disputa política. Por isso nos cabe inverter a conclusão pessimista, implícita no poema de Azevedo, segundo a qual o pesadelo do stalinismo teria sido, provavelmente, um castigo pelo “pecado” de o povo ousar a tal ponto, de querer arrancar alguma coisa ao futuro. Esse querer é o que move a literatura; em direção a *ele* a Rússia floresceu, com *ele* a Rússia se revolucionou, contra *ele* desceu Stálin sua mão de ferro. Um curto lampejo de momento histórico pode atravessar a história e iluminar infinitamente após se ter apagado a estrela, que nasceu em 1917. Não por acaso, o ano de 2017 foi lembrado também como o centenário da primeira greve geral de trabalhadores no Brasil. Impulsionada pela notícia de uma revolução operária na Rússia, a greve geral de 1917 em São Paulo marcou o começo de uma longa trajetória de luta, ela mesma um legado dos movimentos anarquista e comunista em nosso país, que rendeu uma série de importantes conquistas. A nossa crítica ao passado soviético não nos impedirá de chegar a esta equação positiva. Seria confirmar a opinião de Antônio Cândido, para quem “o socialismo é uma doutrina totalmente triunfante”, porque

“esse pessoal [os comunistas, socialistas democráticos, anarquias... etc.] começou a lutar, para o operário não ser mais chicoteado, depois para não trabalhar mais que doze horas, depois para não trabalhar mais que dez, oito; para a mulher grávida não ter que trabalhar, para os trabalhadores terem férias, para ter escola para crianças”, e completa: “O socialismo só não deu certo na Rússia”<sup>22</sup>.

O leitor sabe em que conjuntura a greve geral de 1917 foi evocada este ano. Em abril de 2017 os trabalhadores brasileiros tentaram, com uma nova greve geral, impedir que o golpe de Estado em curso suprimisse alguns de seus direitos garantidos por lei. A direita, de acentuada feição anti-comunista (cria do polo norte-americano de influência na Guerra Fria), rasgou o véu da democracia bur-

---

22 Em entrevista ao Brasil de Fato, edição 435: <https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>

guesa, em que a esquerda se fiou. Impotentes, sem ter de onde emprestar forças como há cem anos atrás, vemos desfilar pelas ruas, mais uma vez, a “cadela do fascismo” (para rebater com a máxima de Bertold Brecht). E quanto ao nosso pobre cão, implorará que ressuscitem Trótski e Lênin.

## Referências

### Textos originais de *Acampamento de Cisnes* na língua russa:

ЦВѢТАЕВА, Марина. Лебединый Стань. München: Im Werden Verlag, 2006. (Некоммерческое электронное издание. Издание подготовил Сергей Нестеров).

Página eletrônica: <http://imwerden.de/publ-876.html>

### Textos originais de *Acampamento de Cisnes* usados no corpo do trabalho tradutório. Segundo a ordem numérica que utilizamos:

- (1) [https://ru.wikisource.org/wiki/На\\_кортике\\_своём:\\_Марина\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/На_кортике_своём:_Марина_(Цветаева))
- (2) [https://ru.wikisource.org/wiki/Над\\_церковкой\\_—\\_голубые\\_облака\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Над_церковкой_—_голубые_облака_(Цветаева))
- (3) [https://ru.wikisource.org/wiki/Царю\\_—\\_на\\_Пасху\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Царю_—_на_Пасху_(Цветаева))
- (4) [https://ru.wikisource.org/wiki/За\\_Отрока\\_—\\_за\\_Голубя\\_—\\_за\\_Сына\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/За_Отрока_—_за_Голубя_—_за_Сына_(Цветаева))
- (5) [https://ru.wikisource.org/wiki/Чуть\\_светает\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Чуть_светает_(Цветаева))
- (6) [https://ru.wikisource.org/wiki/И\\_кто-то,\\_упав\\_на\\_карту\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/И_кто-то,_упав_на_карту_(Цветаева))
- (7) [https://ru.wikisource.org/wiki/Юнкерам,\\_убитым\\_в\\_Нижнем\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Юнкерам,_убитым_в_Нижнем_(Цветаева))
- (8) [https://ru.wikisource.org/wiki/Ночь.\\_—\\_Норд-ост.\\_—\\_Рёв\\_солдат.\\_—\\_Рёв\\_волн\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Ночь._—_Норд-ост._—_Рёв_солдат._—_Рёв_волн_(Цветаева))
- (9) [https://ru.wikisource.org/wiki/Москве\\_\(1-3\\_—\\_Цветаева\)/1](https://ru.wikisource.org/wiki/Москве_(1-3_—_Цветаева)/1)
- (10) [https://ru.wikisource.org/wiki/Москве\\_\(1-3\\_—\\_Цветаева\)/2](https://ru.wikisource.org/wiki/Москве_(1-3_—_Цветаева)/2)
- (11) [https://ru.wikisource.org/wiki/Москве\\_\(1-3\\_—\\_Цветаева\)/3](https://ru.wikisource.org/wiki/Москве_(1-3_—_Цветаева)/3)
- (12) [https://ru.wikisource.org/wiki/Лон\\_\(1-3\\_—\\_Цветаева\)/1](https://ru.wikisource.org/wiki/Лон_(1-3_—_Цветаева)/1)
- (13) [https://ru.wikisource.org/wiki/Илёт\\_по\\_луговинам\\_лития\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Илёт_по_луговинам_лития_(Цветаева))
- (14) [https://ru.wikisource.org/wiki/Трудно\\_и\\_чуждо\\_—\\_верность\\_до\\_гроба!\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Трудно_и_чуждо_—_верность_до_гроба!_(Цветаева))
- (15) [https://ru.wikisource.org/wiki/Коли\\_в\\_землю\\_солдаты\\_всадил —\\_пштык\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Коли_в_землю_солдаты_всадил —_пштык_(Цветаева))
- (16) [https://ru.wikisource.org/wiki/Это\\_просто,\\_как\\_кровь\\_и\\_пот\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Это_просто,_как_кровь_и_пот_(Цветаева))
- (17) [https://ru.wikisource.org/wiki/Орёл\\_и\\_архангел!\\_Господень\\_гром!\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Орёл_и_архангел!_Господень_гром!_(Цветаева))

- (18) [https://ru.wikisource.org/wiki/Бог\\_—\\_прав\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Бог_—_прав_(Цветаева))
- (19) [https://ru.wikisource.org/wiki/Семь\\_мечей\\_пронзали\\_сердце\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Семь_мечей_пронзали_сердце_(Цветаева))
- (20) [https://ru.wikisource.org/wiki/Где\\_лебеди%3F\\_—\\_А\\_лебеди\\_ушли\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Где_лебеди%3F_—_А_лебеди_ушли_(Цветаева))
- (21) [https://ru.wikisource.org/wiki/Белогвардейцы!\\_Горлицев\\_узел\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Белогвардейцы!_Горлицев_узел_(Цветаева))
- (22) [https://ru.wikisource.org/wiki/Пол\\_рокот\\_гражданских\\_бурь\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Пол_рокот_гражданских_бурь_(Цветаева))
- (23) [https://ru.wikisource.org/wiki/Ты\\_дал\\_нам\\_мужества\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Ты_дал_нам_мужества_(Цветаева))
- (24) [https://ru.wikisource.org/wiki/Бури-вьюги,\\_вихри-ветры\\_вас\\_взлелеяли\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Бури-вьюги,_вихри-ветры_вас_взлелеяли_(Цветаева))
- (25) [https://ru.wikisource.org/wiki/Царь\\_и\\_Бог!\\_Простите\\_малым\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Царь_и_Бог!_Простите_малым_(Цветаева))
- (26) [https://ru.wikisource.org/wiki/Памяти\\_А.\\_А.\\_Стаховича\\_\(Цветаева\)/1](https://ru.wikisource.org/wiki/Памяти_А._А._Стаховича_(Цветаева)/1)
- (27) [https://ru.wikisource.org/wiki/Памяти\\_А.\\_А.\\_Стаховича\\_\(Цветаева\)/2](https://ru.wikisource.org/wiki/Памяти_А._А._Стаховича_(Цветаева)/2)
- (28) [https://ru.wikisource.org/wiki/Але\\_\(В\\_пштой\\_серебром\\_рубашечке\\_—\\_Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Але_(В_пштой_серебром_рубашечке_—_Цветаева))
- (29) [https://ru.wikisource.org/wiki/С.\\_Э.\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/С._Э._(Цветаева))
- (30) [https://ru.wikisource.org/wiki/Дорожною\\_простонародною\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Дорожною_простонародною_(Цветаева))
- (31) [https://ru.wikisource.org/wiki/Бальмонту\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Бальмонту_(Цветаева))
- (32) [https://ru.wikisource.org/wiki/Стихи\\_к\\_Блоку\\_\(Цветаева\)/9](https://ru.wikisource.org/wiki/Стихи_к_Блоку_(Цветаева)/9)
- (33) [https://ru.wikisource.org/wiki/Петру\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Петру_(Цветаева))
- (34) [https://ru.wikisource.org/wiki/Есть\\_в\\_стане\\_моём\\_—\\_офицерская\\_прямоть\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Есть_в_стане_моём_—_офицерская_прямоть_(Цветаева))
- (35) [https://ru.wikisource.org/wiki/Об\\_ушедших\\_—\\_отошедших\\_\(Цветаева\)](https://ru.wikisource.org/wiki/Об_ушедших_—_отошедших_(Цветаева))

### **Textos em prosa, cujos trechos traduzimos na sessão dissertativa deste trabalho:**

Nota 6 [http://www.tsvetayeva.com/prose/pr\\_chert](http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_chert)

Nota 8 [http://www.tsvetayeva.com/prose/pr\\_nochevka](http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_nochevka)

Nota 11 [http://www.tsvetayeva.com/prose/pr\\_voin\\_hristov](http://www.tsvetayeva.com/prose/pr_voin_hristov)

Nota 20 <https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>

### **Traduções de apoio e outros livros citados direta ou indiretamente neste trabalho:**

AZEVEDO, Carlito. *Livro das Postagens*, O. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

CAMPOS, Augusto de. *Poesia da Recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

KARLINSKY, Simon. *Marina Tsvetaeva. The women, her world, and her poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LOTMAN, Iúri. «Договор» и «вручение себя» как архетипические модели культуры. Disponível em: <<http://evolkov.net/conflict/contract/Lotman.Yu.Contract.&handing.of.self.html>> Acesso em: 2017.

TSVETÁIEVA, Marina. *Cazador de Ratas*. Tradução de Irina Bogdashevski. Buenos Aires: Paradiso ediciones, 2014.

\_\_\_\_\_. *Diablo, El*. Tradução de Selma Ancira. Barcelona: Editorial Anagrama, 1991.

\_\_\_\_\_. *Espíritu Prisionero, Un*. Tradução de Selma Ancira. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

\_\_\_\_\_. *Poeta e o Tempo, O*. Tradução de Fernando Pinto Amaral. Lisboa: 1993, Hiena.

\_\_\_\_\_. *Vivendo sob o Fogo*. Tradução de Aurora F. Bernardini. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Стихотворения и Поэмы. Санкт-Петербург: Азбука, 2014.

TOLEDO, Raquel Arantes. *Uma aventura: o teatro de Marina Tsvetáieva*. São Paulo: FFLCH-USP 2015. Dissertação disponível no sistema.